



CARTA da VII Jornada Universitária em defesa da Reforma Agrária da Universidade Federal Rural de Pernambuco

Desde 2014, as universidades brasileiras comprometidas com a questão agrária no Brasil vêm realizando a Jornada Universitária em defesa da Reforma Agrária (JURA) em parceria com a Escola Nacional Florestan Fernandes e diversos movimentos sociais, locais e nacionais. As JURAs acontecem, normalmente, no mês de abril, no chamado “abril vermelho”, em memória aos lutadores assassinados no Massacre de Eldorado dos Carajás. A Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) participa desta atividade desde o início, por meio do curso de Licenciatura em Ciências Agrícolas e do Núcleo de Agroecologia e Campesinato (NAC).

Neste ano de 2020, pelo contexto da pandemia do coronavírus, a JURA aconteceu de modo virtual, através do canal JURA UFRPE no Youtube e com a divulgação das ações nas redes sociais Instagram e Facebook. Como atividade da JURA, no dia 22 de Junho, foi feita uma ação de solidariedade, juntamente com a campanha Ruralinda Solidária, na ocupação do MUST (Movimento Urbano dos Sem Teto) próxima à UPA da Avenida Caxangá, em Recife. Entre os dias 13 e 19 de julho, aconteceu uma vasta e rica programação, a partir da temática “Reforma agrária popular e soberania alimentar no enfrentamento a pandemia”.

Para a realização da JURA estiveram juntas a Licenciatura em Ciências Agrícolas e o Bacharelado em Agroecologia, Campesinato e Educação Popular da UFRPE, com o apoio do Programa de Pós-Graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial, o movimento “Eu defendo a UFRPE”, o Núcleo de Agroecologia e Campesinato (NAC), a Federação dos Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras Familiares do Estado de Pernambuco (FETAPE), a Associação dos Docentes da Universidade Federal Rural de Pernambuco (ADUFERPE), o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), o Levante Popular, o Coletivo Luta, a Marcha Mundial das Mulheres, e a Comissão Pastoral da Terra (CPT).

A partir das trocas estabelecidas ao longo da JURA, destacamos os seguintes pontos levantados nos debates:

- A pandemia nos desafia a continuar na luta. Precisamos lutar para não sermos afetados nem pela doença, nem pela fome e nem pela violência. Contra a fome, contra o fascismo, é preciso afirmar a centralidade da luta pela terra. Por isso defendemos, de forma irrestrita, a Reforma Agrária Popular.
- Precisamos de outro modelo de agricultura, que valorize a agricultura familiar e camponesa, que é a responsável por 70% da produção de alimentos no Brasil. A produção de alimentos é uma dimensão da liberdade, pois um povo que não produz

alimento é um povo escravo. É necessário portanto afirmar a soberania alimentar como direito dos povos.

- É preciso pensar o consumo de alimentos para toda população, respeitando a nossa cultura e a diversidade no campo. A agroecologia defende também a preservação do ambiente e da biodiversidade como um instrumento de emancipação dos povos. Nesse sentido, destacamos a importância de adquirir alimentos oriundos da reforma agrária e de pequenos produtores e produtoras.
- Devemos nos organizar para o enfrentamento do capitalismo. A concentração da riqueza nas empresas transnacionais; o fortalecimento do agronegócio, com a ampliação de sua atuação na produção de commodities; a apropriação das terras e territórios; os ataques à natureza; os despejos dos assentamentos; a violência no campo; a indústria do sistema alimentar; a precarização do emprego e do trabalho; a digitalização da vida, a exemplo da ingresso da educação no universo virtual e a telemedicina; são faces da crise de vida gerada no âmbito do modelo social capitalista. No Brasil, a superação dessa crise só será possível com a associação à Campanha Fora Bolsonaro.
- Precisamos combater as novas formas de financeirização da agricultura e de estrangeirização de terras no Brasil, que vem se intensificando neste século, com o aumento da exploração e destruição da vida e da natureza, movida por um mercado que visa unicamente o lucro sem precedentes. Nesse processo, o sistema capitalista busca uma constante expansão das fronteiras agrícolas, gerando complexos conflitos agrários, aumentando a concentração de terras nas mãos de grandes corporações e/ou grandes empresários do ramo agrícola, escancarando uma estrutura fundiária desigual e voltada para o agronegócio, e reiterando um sistema que desconsidera camponeses e camponesas, as comunidades tradicionais e suas práticas de convivência com os recursos naturais e as práticas agroecológicas nos diversos territórios.
- Defendemos a ampliação e aperfeiçoamento do SUS, e a valorização de saberes populares e tradicionais. “O povo cuidando do povo, em defesa do SUS!”. É preciso reconhecer e valorizar os fitoterápicos, as práticas milenares tradicionais, nossas benzedadeiras, nossas parteiras, as hortas medicinais. Alinhar os conhecimentos locais com o científico, num diálogo democrático e horizontal de saberes, para promover a saúde de forma integral.
- Acentuamos a necessidade de universalização do direito à uma educação *do* campo e *no* campo, de uma educação localizada nos territórios dos/as camponeses/as e que seja construída de modo participativo com base nas suas perspectivas, conhecimentos e necessidades, cabendo ao Estado garantir o acesso, a permanência e um modelo democrático de gestão pública nas escolas.
- Fortalecer nossa capacidade de resolver os problemas orientadas pela construção de autonomia, a exemplo da produção de remédios, circuitos curtos de comercialização, processos de autogestão. Devemos valorizar as dimensões das alianças políticas, não podemos aguardar por políticas públicas. Precisamos fortalecer nossa autonomia, mas também devemos exigir a ação do Estado para garantir direitos.
- Precisamos pensar na reconstrução do país sob novas bases, apoiadas e apoiados na caminhada de luta dos movimentos e organizações populares, na preservação das vidas e saberes dos povos originários e das populações desfavorecidas, no campo e na cidade. A vida dos povos importa, e lutamos por um campo com gente, com camponesas e camponeses vivendo em territórios livres, que valorizem o protagonismo das mulheres e que assegurem a agrobiodiversidade. A Agroecologia, a Reforma Agrária e a Soberania Alimentar terão de ser feministas, antirracistas e

populares, ou não serão uma real alternativa ao modelo social vigente. Continuemos construindo essa alternativa.

A VII JURA UFRPE teve mais de 500 inscrições de todo o Brasil e durante essa semana todas nossas lives juntas tiveram mais de 1.900 visualizações. Aproveitamos para agradecer a todas e todos que contribuíram nesse evento, inclusive você que vem nos acompanhando durante essa semana.

Reforma agrária, uma luta de todas e todos!

Recife, 19 de julho de 2020